



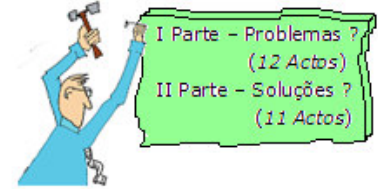
Nelson Trindade

Edição SocioSistemas
www.sociosistemas.com



Lupa sobre a democracia _ Acto 7

... o nariz no umbigo ...



Não existe nenhum problema que a ausência de solução não consiga resolver.

Henri Queuille

Política pode ser definida como a arte de criar o futuro.

Ou melhor, é a arte de criar um futuro grupal. É o modo de comprometer irremediavelmente o que vai ser o quotidiano desse grupo nos tempos que se aproximam. Como é óbvio, o grupo tem que tomar posição sobre isso.

Quando a sociedade funciona por representação, o problema da definição dos projectos de futuro é mais fácil do que quando toda a sociedade tem, ou quer, expressar-se na totalidade.

É sempre mais fácil e mais rápido serem poucos a discutir um assunto do que muitos. No limite, se só existir um a decidir, o processo é ainda mais rápido, principalmente se ele nunca tiver dúvidas, nem angústias acerca de eventuais erros. Neste caso, a decisão pode levar apenas alguns segundos, se o critério da sua qualidade não se puser.

Considerando uma escala de problemas desde muito simples e sem risco (grau 1) até muito complexos e alto risco (grau 5), o método de uma pessoa a decidir sozinha, sem dúvidas nem angústias, pode funcionar bem no grau 1, mas é **muito perigoso** no grau 5. Aqui, quanto mais críticas e debates existirem, mais há probabilidade de que, humanamente, a decisão seja a melhor possível.¹

A frase de "é melhor uma decisão do que decisão nenhuma" esquece dois pormenores.

O primeiro é que não-decisão não existe, pois não-decidir significa "decidir que a evolução natural do processo vai continuar intocável", isto é, "...*não decidir se sai ou não da frente do comboio significa decidir que, se o comboio não parar, vai ser atropelado, se parar não vai*". É formalmente uma decisão como qualquer outra, apenas o seu conteúdo consta de entregar a decisão a outrem.

O segundo aspecto é considerar que a opção a fazer é escolher entre "decidir ou não decidir", quando a opção deve ser escolher entre "**decidir bem ou decidir mal**". Por outras palavras, não é um problema de coragem ou força de vontade é um problema de lucidez.

Em situações de grande complexidade, como é o caso actual da gestão política, a maturação grupal de um problema é um aspecto fundamental da decisão. Nos problemas de grau 5, se só existir uma pessoa a decidir, a decisão pode ser fácil e rápida, mas é de risco elevado...

*"...decidiu-se agir, mas era preferível estar quieto.
Voluntarioso e estúpido dá sempre decisões perigosas".*

Memórias de uma guerra

¹- Quando o detentor do poder de decisão se considera de inspiração divina (ou tecnocrática), e se recusa a questionar as próprias certezas, existe o perigo de empenhar a sociedade (que confiou nele) em caminhos errados.

Como exemplo, anos atrás, numa determinada campanha eleitoral, um partido político português tinha o slogan: *Decidir com firmeza e agir com competência*. Porém, o mesmo slogan poderia ter a forma: *Decidir com competência e agir com firmeza*. Qual a diferença ?

A diferença entre ambos, é que o primeiro expressa uma decisão que não admite contestação, nunca consentindo dúvidas da sua validade, onde apenas a execução pode ser avaliada na competência do seu cumprimento, e corrigida se necessário. Leia-se "*correcta ou não é para executar*".

Pelo contrário, o segundo *slogan* pressupõe que a decisão é avaliada criticamente na competência da sua definição e reformulada se necessário; depois, é a acção consequente vai ser firme na sua execução. Leia-se "*Correcta? Então é para executar*".

No primeiro caso, se a decisão tomada arrastar como consequência a queda num precipício (só percebido mais tarde), a *firmeza da decisão* nunca permitirá repensá-la. Por outro lado, como são *competentes a agir*, a queda será inevitável, rápida e eficazmente realizada. Neste caso, seria desejável existir incompetência a agir porque, ao menos deste modo, a incompetência da decisão errada não chegaria a ser executada (cair no precipício): as duas incompetências anulavam-se.

No segundo caso, a *competência da decisão* é a prioridade principal e se, após a decisão, esta for posta em causa, o processo será retomado e revisto. Ou seja, a queda no precipício será menos provável.²

Numa sociedade culturalmente evoluída, os seus cidadãos recusam-se a ter um papel passivo e a assistir como meros espectadores à definição e construção do seu futuro. Por outro lado, como também possuirão um elevado grau de desenvolvimento sócio-cultural, é natural e saudável que diferenças internas surjam nas perspectivas e nos objectivos.

A complexidade social é demasiado complexa para não ter múltiplas e subtis alternativas, com intensas e activas variáveis, pelo que a decisão a tomar tem sempre que ser pensada em várias frentes. Isto não significa paralisia decisória, significa apenas lucidez nas probabilidades-risco.

Perante este problema, e para se poder viver democraticamente sem o enfrentar, uma democracia de representantes, ou melhor, uma democracia governada,³ usa dois instrumentos tradicionais e habituais.

Um deles, é o conceito de **maioria**; o outro, é a **opinião pública**.

A - O **conceito de maioria** faz com que o grupo se **apague** na sua capacidade crítica em relação a um querer colectivo. As opções por maioria são necessariamente vagas porque têm que ser abrangentes das diferenças existentes e permitir depois aos seus representantes liberdade de concretização.

A democracia não pressupõe "disciplina pela maioria" (um linchamento é um método de maioria) pressupõe "lucidez por maioria".
Não é um problema de consensus, mas sim de integração de dissensus.

O método de decisão por maioria (por ex. uma votação) não é um método de garantia da correcção da decisão, mas um método de garantia do acordo grupal para essa decisão. Não convém confundir.

A lucidez democrática obriga a dois movimentos: um em direcção à correcção da decisão e outro em direcção ao acordo grupal.

²- A firmeza numa decisão, nunca se questionando a sua validade, não é sinal de *persona* forte, mas sintoma de *animalis* fraco, pois mesmo os animais alteram as suas decisões se são erradas.

³- Maurice Duverger utiliza dois conceitos: democracia governada e democracia governante.

Tudo se passa como se o grupo desse um *cheque em branco* ao seu representante que, depois, não só preenche, como endossa a quem quer.

Na prática, este processo é apenas uma ratificação da entrega do poder de decisão. Esta ratificação depois de feita se a maioria for um grupo grande é muito difícil de alterar.

Pelo método de 51%, para alterar o representante de um grupo de 10 basta ter recursos para falar com 5 pessoas⁴, mas num grupo de 1.000 é preciso recursos para falar com 500 pessoas. Numa população de um milhão será preciso de contactar 500.000 indivíduos. Ou seja, quanto maior o universo, mais recursos são necessários para mudar, mais intocável está o representante. O principal é conseguir ser eleito pela primeira vez⁵.

Quanto maior for o grupo da maioria democrática, mais independente (garantido) está quem se encontrar na posição de decisão. As contestações são difíceis e sem força⁶.

Por sua vez, a hoje chamada *sociedade civil*⁷ deverá aceitar a decisão feita pelos seus representantes (por si eleitos para agir em seu nome) e obedecer-lhes. Se isso não acontecer, o poder eleito poderá usar a *autoridade democrática* (isto é, o uso da força) para obrigar os seus eleitores a obedecer. Deste modo, o problema das múltiplas sensibilidades internas é ultrapassado através da disciplina democrática e /ou partidária.

É o paradoxo de "pensa e age para egeres quem não te vai mais permitir pensar e agir". Sociologicamente, surge o conceito da **ditadura doce** (talvez mais correcto seria *ditadura cíclica*):

"...tu és competente para me avaliares e escolheres [...elegeres...], mas depois não és competente para continuares a avaliar-me, pôr em causa ou demitires. Só o podes fazer daqui a 4 anos."

Na prática, cada cidadão é considerado inteligente para escolher, mas não suficientemente inteligente para continuar escolhendo.⁸

B - O outro instrumento, é o factor **opinião pública**. A par da obediência por maioria, trata-se agora de obter um consenso alargado que permita obter acordo generalista para os projectos, ou seja, para aquilo que se lança para o futuro.

Porém, se a situação contiver múltiplas e subtis diferenças, este consenso só é passível de obter se as propostas forem generalistas, e/ou reproduzirem soluções antigas, bem aceites e sedimentados na memória social.

Em qualquer das alternativas, a direcção a seguir pela sociedade é incerta (*por vaga*) ou desadaptada das necessidades actuais (*por antiquada*).

Os grupos sociais ao dizerem *sim* a um projecto deste tipo, na prática estão a dar um *cheque em branco*, no primeiro caso, e a aprovar um *investimento falhado*, no segundo. Em qualquer das situações, a base do funcionamento é **por confiança** em quem vai liderar.⁹

Em ambas as alternativas, a **sociedade fica cega (...nariz no umbigo...)** em relação ao caminho a seguir no futuro, pois apenas olha para o seu interior, preocupando-se em

⁴ - Além do próprio dinamizador.

⁵ - A regra de uma pessoa não se poder candidatar mais que duas vezes seguidas (caso Presidentes da Republica) tenta controlar esta hipótese.

⁶ - Vide Maurice Duverger - A democracia Governada

⁷ - Sociedade civil significa não militar? Com isso quererá dizer não armada, i.é, *desarmada* do poder de decisão ?

⁸ - O que se passa é que a democracia vota ditadura, ou seja, usa o poder que tem para deixar de ter esse poder (suicídio cíclico da democracia?).

⁹ - Na *democracia governada* toda a gente conhece bem o eleito e a sua vida particular, mas não sabe o que ele anda a fazer na área para que foi eleito [...*não sei o que ele vai fazer, mas voto nele.*]. Na *democracia governante* as pessoas sabem o que o eleito anda a fazer, mas não sabem a sua vida particular.

garantir que todos concordam ou saber se as vagas (ou antiquadas) propostas são aceitáveis.

É vulgar as ideias mestras de uma campanha serem banalidades à La Palisse, do tipo “**querer mais e melhor para os portugueses**”, como se fosse possível “*querer menos e pior*”; “**querer menos desemprego**”, como se fosse possível “*querer mais desemprego*”; “**Em nome de Portugal**”, como se fosse possível fazer uma campanha em “*nome de Espanha*”, etc.

Este tipo de propostas, se não fossem ridículas, seriam ofensivas, pois pressupõem debilidade mental por parte dos cidadãos. Por outras palavras, não são alternativas em escolha, são todas **opções óbvias**¹⁰.

Com este contexto e com esta dinâmica, só resta à democracia, em vez de olhar em frente e para os lados, **olhar para o umbigo**.

Um retrato final ...para os 7 actos

– **Sancho,**
esta não é uma aventura de ilha, mas
sim, uma aventura de encruzilhada.

Cervantes,
in, **D.Quixote de la Mancha**

Numa definição sucinta, pode dizer-se que **Política é o casamento da História com o Futuro**.

No início... quando tudo começa, seres humanos juntam-se a outros seres humanos, constroem vínculos, comunicam e compreendem-se entre si, agem e vivem em comum os acontecimentos.

Nasce a sociedade humana.

Depois ... os anos passam, as memórias ficam e as gerações sucedem-se. Os registos caminham com o tempo e levam recordações aos que herdaram o passado.

Nasce a História.

Depois ... a esperança aparece, o sonho começa, a imaginação voa e um destino diferente é desenhado para a sua vida em comum.

Nasce a Política.

Depois ... a sociedade avança oscilando entre a História com sua herança e a Política com seus sonhos. O presente transforma-se na aventura de viver.

Nasce o Futuro.

História, Política e Futuro, são os alicerces em que se apoia uma sociedade para se desenvolver e progredir ao longo dos tempos. Os três fazem um conjunto integrado, onde a perda de um deles afectará os restantes.

¹⁰ - Kennedy na sua campanha “*em 4 anos colocaremos um homem na Lua e garantimos o seu regresso*”, não tem nada de banalidade à La Palisse.

O seu desaparecimento sucessivo originará situações cada vez mais graves. Com a perda de um deles, a sociedade regride; com a perda de dois adoece gravemente; quando os três desaparecem, morre com morte súbita.

Com o **desaparecer da História**,

desaparece também a responsabilidade do agir.

Diz-se e faz-se o que se quer num presente sem passado, onde o cair do tempo arrasta o esquecimento que tudo engole.

A memória colectiva torna-se curta, surgindo a impunidade social.

Em consequência, há também motivos para *não desenhar um sonho* (não ter Futuro) e para *não criar vínculos sociais* (não fazer Política), a preocupação com os outros desaparece.

Com a **morte do Futuro**,

o objectivo único é aproveitar a vantagem imediata.

Num presente sem amanhã, no esquecimento imediato do ontem, as acções tornam-se uma droga de consumo rápido.

O caminhar colectivo é à deriva e a confusão social surge.

Há motivos para *não recordar* (não fazer História) e para *não criar vínculos* (não fazer Política), grupos desaparecem, cada um cuida de si.

Com o **fim da Política**

vem o desaparecimento da sociedade partilhada.

Num presente sem sentido, esvaziado de desejos e de compromissos a realizar, as acções flutuam e vivem ao sabor dos impulsos.

O colectivo é uma família de estranhos e o conflito social nasce.

Há motivos para *não recordar* (não fazer História) e *não desenhar um sonho* (não ter Futuro).

Se os três movimentos surgem simultaneamente, a sociedade:

- 1 — adquire uma memória curta, num elevado grau de esquecimento e de impunidade social, pela falta de História;
- 2 — caminha à deriva, em angustiante confusão social, por falta de futuro;
- 3 — vive um quotidiano cheio de estranhos, e de conflitos sociais, pela falta de Política;

criando um presente de silêncio na apatia social, no vazio do esquecimento e na dor do tecido social rasgado.

Parafrazeando Cervantes, esta situação não vai dar um *problema de ilha*, onde é possível esperar um retorno às condições iniciais. Pelo contrário, surge um *problema de encruzilhada*, onde a entrada num desvio não permite regressar ao ponto inicial. Aqui, aconteça o que acontecer, o futuro nunca mais será igual ao passado.

É importante não estar inconsciente da (e na) encruzilhada.

Os capítulos anteriores desenharam uma encruzilhada, onde se vive uma dinâmica de representados *versus* representantes, mas que apresenta diversas distorções. Estas distorções podem ser agrupadas em três grandes áreas:

1 - O **jogo partidário**

que origina a **democracia racista**, onde a **Philia**¹ desaparece e com ela **morre a política**;

2 - Os **mass-media**

que origina a **democracia virtual**, onde a responsabilidade define-a, e com ela **morre a História**;

3 - O **consenso da maioria**

que origina a **democracia cega**, onde o acto criador não tem sentido e com ele **morre o Futuro**.

Desaparecendo a Philia, a responsabilidade e o acto criador, a participação não tem mais razão para existir, e não existindo esta pode então perguntar-se:

O que vai acontecer à democracia ?

O que arrasta uma outra questão, que é saber como se inverte o processo.

Na linha do pensamento de J. Lipnack e J. Stamps, quando afirmam que *as ideias têm o incrível poder de aglutinar energia a custo mínimo*, pode concluir-se que, se uma ditadura não pode correr o risco de as pessoas terem pensamentos próprios, também, uma democracia não pode correr o risco de **as pessoas não terem pensamentos próprios**.

Na verdade, se participar é a forma mais forte de expressar ideias próprias, e se as regras de jogo existentes atacam a diferença, fomentando integração na maioria e afastando o real a favor do virtual, porque motivo se há-de ter ideias próprias? E se não se tem ideias próprias, porque motivo se há-de participar? E se não se participa, porque há-de existir uma democracia?

Portanto, uma via de pesquisa é procurar saber **o que será hoje** uma democracia adulta, considerando que:

***Se numa democracia,
o horror à diferença é a sua doença infantil,
o desejo de homogeneização é a sua doença senil.***

Resta agora perguntar

Para onde empurrar a democracia ?

(2ª parte da Lupa sobre a Democracia)

*Desapontados e desiludidos se falhamos,
mas condenados se não tentamos.*

*Flutua-se ao sabor das ondas, caminha-se à
deriva, mas a vida constrói-se com um
destino.*

Para isso vamos começar por

... No princípio era o caos ...

(Lupa sobre a Democracia_ Acto 8).

¹ - Palavra grega que significa a amizade política.